

Inclinando-se Ante o Brasil...

Raul Pilla

«ENQUANTO a França se debate na sua mais perigosa crise desde o fim da II Guerra Mundial — diz «O Globo» — a Itália realizou no domingo último as suas eleições gerais para o Parlamento, as quais decorreram em perfeita ordem e deram os resultados esperados».

Depois de observar que o Partido Democrata Cristão, embora vencedor, não conseguiu a maioria absoluta das cadeiras do Parlamento, não podendo, assim, governar sem o concurso de outros partidos, adverte haver também na política italiana «um fator de instabilidade que poderá um dia produzir uma convulsão semelhante à que se verifica atualmente na França, quando os problemas surgirem com a mesma gravidade dos que atormentam a República do outro lado dos Alpes».

Ora, os problemas da Itália não vão surgir, surgiram como os da França após a guerra, e ainda agravados, por se tratar de país pobre e derrotado. Apesar disto, apesar da multiplicidade partidária, apesar da ação perturbadora de um forte partido comunista, tudo tem andado bem naquele país. Por que haveria de verificar-se agora, depois de transposto o período mais delicado e dificultoso da restauração, a previsão de «O Globo»?

O que o comentarista deveria indagar é por que a Itália tem tido governos estáveis e a França tem apresentado a sua característica instabilidade ministerial. Se o fizesse, verificaria facilmente decorrer da diversidade do sistema constitucional a diferença de comportamento: na Itália vigora o verdadeiro sistema parlamentar; na França, persistiu-se numa contrafação do governo de assembleia.

Mas o popular vespertino é partidário dos executivos fortes e não compreende possam subsistir governos sujeitos à influência da opinião pública; «num mundo em que as duas nações principais têm executivos fortes e investidos de autoridade plena — a Rússia muito mais do que os Estados-Unidos». Passe quanto aos Estados Unidos, que já não estão agradando muito ao articulista, por all estar lutando o Congresso pela hegemonia administrativa. Mas a Rússia? Essa parece ser do seu inteiro agrado, quanto ao sistema de governo, naturalmente...

Não há no Atlântico Norte uma extraordinária nação insular, que se denomina Grã-Bretanha? E não há no Continente Europeu outras grandes e pacíficas nações de governo parlamentar?

Nada disto conta para «O Globo». As «fórmulas tradicionais da democracia já excederam a sua utilidade e se mostram agora claramente incompatíveis com uma era que exige soluções prontas, enérgicas e coerentes. O popular vespertino mantém o paradigma: a Rússia ainda é melhor do que os Estados Unidos. E por que não, também, as República latino-americanas, a começar, ou a terminar, pelo Brasil?

Mais uma vez a Europa se inclinaria diante de nós...